

ARTES PLÁSTICAS | WALMIR AYALA

A CALIGRAFIA DO ESPIRITUAL

Eduardo Sued, cuja exposição se inaugurou ontem na Bonino, se inscreve na categoria daqueles obstinados da disciplina, cuja intensa dedicação de criar tem subtraído do convívio público. Sem pressa e sem angústia de exteriorização, Sued vai movendo seu laboratório, que, em matéria de lucidez e elaboração, aproximariamos de um Iberê Camargo (que pela primeira vez me falou dele) e de um Ivã Serpa. Ao se apresentar, em nossa melhor galeria, Sued se impõe: o resultado de uma tão criteriosa aplicação é a mostra na Bonino.

● RIO E EUROPA

Nascido no Rio de Janeiro, em 1925, Sued cursou a Escola Nacional de Engenharia (44/47). Étudiant patronné pela embaixada da França, em 1951, viaja para a Europa, onde frequenta gabinetes de desenho de Paris, Bruxelas e Florença. Ilustrou com gravura em metal poemas de Jorge de Lima para a coleção Cem Bibliófilos. Colaborou como desenhista de arquitetura nos escritórios de Oscar Niemeyer. Grande e proveitosa tem sido sua função de professor de desenho, pintura, modelagem, recortes e pequenos plásticos, na Escola Hebraica, na Escolinha de Arte do Brasil, Clube de Arte de Santos, Escola Técnica de Aeronáutica de São José dos Campos e Escola de Arte da Fundação Álvares Penteado.

● QUESTIONÁRIO

A disciplina técnica de Eduardo Sued vem sublinhada por um intenso e profundo hábito de pensar. É daqueles artistas cuja consciência e atualidade conquistaram um vocabulário, uma linguagem manifesta. Por isso perguntamos:

— Pinta com que objetivo?

— Atingir, em um fluxo dialético, o verso-reverso de uma grande totalidade, ou participar do real pela intimidade com a matéria (tocável) e o domínio plástico-visual: ponto, linha, área, valor e cor (intocáveis). Ato conduzido-induzido pela intuição sensível e não sensível para o ponto supremo da combustão (último ponto, o mais ou menos elevado): centro da unidade única.

— Poderia descrever o antes, durante e depois de um quadro?

— Disponibilidade anterior como fervor pré-criativo. Estado primeiro, íntimo, fundamental, insubstituível! A seguir, comunhão com a ordem material-visual como princípio e fim. Tal percurso se faz, portanto, partindo de

um ponto solúvel (sombrio e nebuloso), logo consumido pelo crepúsculo de uma decantação áurea e ressurgindo no ponto de cristalização e transparência. Equivalência alquímica: fio de Ariadne conjugando o negro-sombra, ouro-sangue, branco-esmalte.

— Arte é forma de conhecimento?

— Logos equivale a Pathos. O ato de criação é o próprio ato de se conhecer. Como a criação não é denominável, o seu mistério se conhece fazendo-o ou refazendo-o: a única via que penetra para o continente secreto da criação (para o seu conhecimento) é conclusiva ao supremo ato de formação.

— Qual a função da cor em seus quadros?

— As nove cores originais (branco, violeta-vermelho, vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, violeta-azul, preto) como centro divergente da figura geométrica de um quadrado, são inerentes, no plano plástico-visual, aos outros quatro elementos de formação (ponto, linha, área, valor). A sua função no estado de complexidade equivale à função de um estado simplificado, qualquer como, por exemplo, à dos extremos de sua gama (preto-branco). Ela confere à obra o estado de renascimento natural como dimensão constante de sua gênese.

— Seu conceito de espaço?

— O espaço não é uma entidade que contorna ou circunscribe as extremidades de uma forma, como um vazio ou fundo dentro do qual esta forma ambicionaria residir. Não é fenômeno justaposto, mas um continuum concreto, oceano supramaterial de tensões convergentes e irradiantes.

● GERAÇÃO E CRISTAL

Eduardo Sued conjuga a linguagem racional da abstração geométrica à livre distribuição de formas assomadas do subconsciente, criando uma caligrafia do espiritual. Geração e cristalografia são seus temas: o além da vida psíquica, o encontro com as virtudes quase minerais da matéria que se bifurca em dinâmica pura (construção) e morte (desagregação). Morte ou vida: ser. Os quadros de Sued são assim pungentes retratos do homem implicado na inconsciência matemática da geração. O homem capaz de querer, mas incapaz de forjar o querer. A vida que está sendo num tempo de iniciação orgânica, dentro da qual a forma aparentemente livre está condenada a uma implacável sintonia.